

A Poesia de Autoria Feminina: de Espada em Punho!

Female Authorship Poetry: Sword in Fist!

Jocineide Catarina Maciel de Souza¹
Maria Elizabete Nascimento de Oliveira²

Resumo: Após duas décadas do século XXI, quando o céu do solo brasileiro projeta sair da cor cinza e surgem estrelas a esperar dias melhores, mulheres/brasileiras que vivem em diferentes espaços geográficos, fortalecidas pela força artístico-literária, se unem para se inscreverem na história da literatura brasileira por meio da poesia. É, nessa conjuntura, que exibimos alguns fios dos muitos que encontramos no I Tomo das Bruxas: do Ventre à Vida (2022), uma coletânea de poemas escritos por mulheres negras, indígenas, brancas e amarelas, dividida em três partes, que de acordo com as organizadoras são as três condições necessárias à liberdade. Adotamos como metodologia a apresentação integral de três poemas que compõem a coletânea, um de cada parte da obra. Da parte I, intitulada: meu Corpo, minhas Normas, meu Templo Sagrado, selecionamos o poema que se intitula: *Pastoreio* (p. 73), de autoria de Marta Cortezão; Da parte II, Dos Silêncios que ardem no Fogo das Injustiças e dos prodígios da Palavra, escolhemos *Borboletas* (p. 177), de Sandra Santos; da última parte III Da Chama Poética que abrasa o Ventre Divino das Bruxas, temos o poema *Femina* (p. 142), de Verônica Oliveira. Essas criações poéticas se constituem como convites à leitura da obra completa e evidenciam a sensibilidade da figura feminina ao tecer fragmentos de suas vivências e utopias. Nessa perspectiva, convidamos ao breve diálogo, Marli Walker (2021), Vilma Piedade (2017), Angela Davis (2016, 2018), Nelly Novaes Coelho (1993), bem como,

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Bolsista CAPES-Edital Amazônia Legal. Professora de Educação Básica/Diretoria Regional de Educação de Cáceres-DRE. Contato: jocineide.souza@unemat.br

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora de Educação Básica/Diretoria Regional de Educação de Cáceres-DRE. Contato: maria.elizabete@unemat.br

outros autores que trazem para o cerne do debate o universo lírico, a identidade feminina e o corpo, enquanto poética impregnada de (re)existências.

Palavras-chave: autoria feminina; poesia; fogo; dororidade; (re)existência.

Abstract: After two decades of the 21 st century, when the sky of Brazilian soil projects to leave the gray color and stars appear hoping for better days, women/Brazilians who live in diferente geographic spaces, strengthened bythe artistic-literary strength, unite to inscribe themselves in the history of the Brazilian literature through poetry. It is, in this conjecture, that we show some threads of the many that we find in the I Tome of Witches: from the womb the life (2022), a collection of poems written by black, indigenous, White and yellow women, divided into three parts, which according to with the organizers are the three necessary conditions for freedom. We adopted as a methodology the full presentation of three poems that make up the collection, one from each parto f the work. From part I, entitled: my Body, my Norms, my Sacred Temple, we selected the pœm entitled: Pastoreio (p. 73), by Marta Cortezão; From part II, On the Silences that Burn in the Fire of Injustices and the Wonders of the Word, we chose Butterflies (p. 177), by Sandra Santos; from the last part III Of the Poetic Flame that the Divine Womb of Witches, we have the pœm Femina (p. 142), by Verônica Oliveira. These poetic creations are constituted as invitations to read the complete work and show the sensitivity of the female figure in weaving fragments of her experiences and utopias. From this perspective, we invite Marli Walker (2021), Vilma Piedade (2017), Angela Davis (2016, 2018), Nelly Novaes Coelho (1993), as well as other authors who bring the lyrical universe to the heart of the debate the female identity and the body, while poetics impregnated with (re)existences.

Keywords: female authorship; poetry; fire; pain; (re)existence.

Boitata, Londrina, 2022
Recebido em: 30/01/2023
Aceito em: 30/06/2023



A Poesia de Autoria Feminina: de Espada em Punho!

Jocineide Catarina Maciel de Souza, Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Considerações preliminares

Essa abordagem apresenta três poemas que compõem a coletânea I Tomo das Bruxas: do ventre à vida organizada por Patrícia Cacau e Marta Cortezão (2022), são poemas escritos por mulheres brasileiras que residem em diversos países, incluindo também as diversas regiões do Brasil. Essas mulheres compõem um panorama heterogêneo com idades, etnias, formações acadêmicas e pessoais distintas e trazem em suas escritas, entre outras temáticas, a sensibilidade da sinestesia do cosmo aliada à complexidade do universo feminino.

Numa toada nada linear, mas composta de aproximações e de distanciamentos, essas mulheres reverberam poesia de seus corpos alimentados por diversos sentimentos, vivências e dores, que afloram pela palavra, a poética do espaço tão bem enunciada pelo filósofo francês Gaston Bachelard (2005). Também projetam nos enunciados poéticos muitos fios que se aproximam das reflexões históricas delineadas por Michelle Perrot (2005) ao destacar a trajetória de lutas e de injustiças sofridas pelo gênero feminino ao longo do percurso sócio-histórico e cultural.

Além do exposto, a leitura atenta da produção poética dessas mulheres nos leva para o campo de problematização do espaço ocupado pelos corpos femininos onde encontramos Angela Davis (2016) que defende a equidade a partir do reconhecimento da violência e injustiça sofridas por seres humanos, sobretudo, mulheres desfavorecidas social e culturalmente. Para tanto, a autora problematiza vivências de mulheres negras trazendo-as para o campo do debate político, social e filosófico.

Ao longo das nossas reflexões, bailam outros estudiosos e estudiosas que vislumbram outra sociedade, a partir de concepções que julgamos éticas e necessárias ao processo de humanização, apresentadas tanto por Antonio Candido (2011), quanto por outros



teóricos de inúmeros campos de atuação. Incitar o desejo em favor da equidade, independentemente de raça, credo ou gênero é uma responsabilidade de todos os seres humanos que buscam viver dignamente nesse universo uno, mas ao mesmo tempo múltiplo, plural.

Os poemas que selecionamos apresentam uma amostragem da pluralidade de temas e *eus-poemáticos* que se levantam nesta coletânea e, juntos, tecem um brado coletivo em prol do universo feminino e suas configurações múltiplas sobre as vivências singulares de cada escritora. Por outra perspectiva, também é possível perceber os fios de diálogo, nuances coletivas que fazem jus a frase: “ninguém larga a mão de ninguém”, fios que se entrelaçam e fortalecem os princípios básicos da existência.

E assim levantamos os fios dos poemas de Marta Cortezão, com *Pastoreio*; de Verônica Oliveira, com *Femina* e Sandra Santos, com *Borboletas*. Produções que nos permitem ressaltar algumas intimidades dos corpos femininos, prenhe de sensibilidades, de afetos e de abraços poéticos.

Ao ressaltar alguns fios das criações poéticas dessas autoras, fazemos um convite à leitura integral da obra para que possam ressaltar outros fios com os fragmentos e as utopias de singulares existências. E, assim, saborear do banquete poético produzido para ecoar outros saberes/sabores do universo da ficção aos contextos dos corpos e vice-versa.

A poética do corpo nos espaços do universo feminino

[...]

Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou!

Adélia Prado

Iniciamos com os versos de Adélia Prado (1996. p. 11), para destacar que o objetivo dessa abordagem é apontar para o espaço coletivo, humano, imbricado nos liames existenciais; imagens que se presentificam na escrita de autoria feminina. Para tanto, selecionamos o poema *Pastoreio*, de Marta Cortezão (Cacau; Cortezão, 2022, p. 73):



PASTOREIO

Vinde, ô pastoras!
Pastoreemos estes prados
Que outrora nos foram negados

De pés descalços
Dancemos sobre Gaia
Que nutre vida viva palavra

Abracemos nossa dororidade
Vigiemos nosso rebanho
Cantemos à liberdade

Substância
verbo
amanho.

A convocação do verbo na abertura do poema nos remete a um tempo presente, ao se juntar ao substantivo pastora que por si já demanda um compromisso de sororidade, se pensarmos na imagem do pastor messiânico quando ao recolher suas ovelhas percebe a falta de uma e volta a procurá-la, pois havia se distanciado do rebanho. Por outro lado, remete a insubmissão ao atentar para o fato do *eu-poemático* ser feminino e, na primeira estrofe está convidando as demais a unirem-se por meio do imperativo: “Vinde, ô pastoras!”, e juntas objetivam cuidar de um território que lhes fora negado. Trata-se de um convite a adentrar um espaço interdito para registrar no amplo campo da arte literária a presença efetiva da figura feminina com suas identidades híbridas.

Na perspectiva bíblica, o vocábulo *prado* referia-se aos pastos, local em que pastavam as ovelhas, no poema, entretanto, *prado* surge como metáfora do campo artístico-literário, onde precisam atuar as mulheres no século 21. Ao considerarmos os inúmeros estudos sobre a atuação da mulher nas esferas sociais e políticas, ainda é um espaço pouco ocupado por mulheres.

Deste modo, precisamos olhar para a substância existente no ser feminino, no percurso das mulheres que fizeram trilhas e pavimentaram nossos caminhos e hoje, por meio da coletividade pudemos reunir para pisar neste solo tão árduo e romper as bolhas do mercado editorial e da ocupação dos lugares de poder dos quais sempre fomos excluídas,



todavia não devemos ocupar o lugar de vítimas, pelo contrário, é preciso protagonizar o nosso viver, "[...] em um tempo no qual todas as identidades estão em crise, ou são manifestadamente posições, ser vítima dá lugar a suplemento de si."(Giglioli, 2016, p. 7).

Na segunda estrofe, temos o verbo “que nutre viva palavra”, é preciso desbravar os ritmos das linguagens e, nesse sentido, reportamos à simbologia da palavra:

A palavra úmida germinou, como próprio princípio da vida, no ovo cósmico. É a palavra que foi dada aos homens. É o som audível, considerado como uma das expressões da semente masculina, o equivalente do esperma. Ela penetra na orelha, que é outro sexo da mulher, e desce para enrolar-se em torno do útero para fecundar o germe e criar o embrião. Sob a mesma forma de espiral, ela é a luz que desce à terra, trazida pelos raios do sol e que se materializa, no útero terrestre, na forma de cobre vermelho (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 679).

Ao trazer a palavra como fecundadora, como germe da criação, já podemos chamar a ligação ancestral verbo (palavra) e Gaia (terra), ambas vivendo a promiscuidade da existência. Mulher, terra, palavra; trio perfeito que se fundem e clamam por resistência. “De pés descalços”, deixemos que Gaia nos envie energia e tome conta do nosso corpo. Logo, coadunamos com os pressupostos apontados por Frederico Fernandes (2019, p. 295) ao afirmar que o corpo-memória “[...] por meio da linguagem artística recupera os acontecimentos nas quais formas de opressão e estratégias de resistência que passam a ser evidenciadas”. Pensar essa escrita feminina numa perspectiva de resistência latino-americana, como o faz Fernandes, é demarcar uma construção estética, pois aborda a forma que cada uma está e age no mundo.

Na terceira estrofe, o *eu-poemático* clama por demonstração de afetos a todas as mulheres tanto quando inclui "dororidade", termo feminista cunhado em 2017, por Vilma Piedade, referindo-se as dores de todas as mulheres, especialmente na mulher preta, pois, segundo a autora, o emprego do termo sororidade não contempla algumas especificidades que, nesta análise, focalizam na dor específica da mulher afrodescendente; quanto ao metaforizar a mulher, no segundo verso. Além disso, nos convoca a cantar a liberdade. Vejam ao crasear a vogal à liberdade, o *eu-poemático* deixa entrever uma convocação também para esta, já que ela inexistente no presente.



É nesse ponto que a Dororidade se instaura e percorre a trajetória vivenciada por Nós, População Negra, e, aqui em especial, Nós – Mulheres – Mulheres Pretas, Brancas, de Axé, Indígenas, Ciganas, Quilombolas, Lésbicas, Trans, Caiçaras, Ribeirinhas, Faveladas ou não, somos Mulheres (Piedade, 2017, p.15).

Na mesma perspectiva Vilma Piedade, são pertinentes as contribuições de Angela Davis (2016), pela ocupação dos espaços, pois a filósofa traz reflexões que apontam para a necessidade de aparar as assimetrias socioculturais e ressalta as condições relegadas às mulheres, especialmente às mulheres afrodescendentes, porque enfrentam violências específicas desses corpos que almejam outro modelo de sociedade. São ideias com “angulações e perspectivas” (Davis, 2016), por isso necessitam ter visibilidade no âmbito acadêmico e, sobretudo, nas amarrações discursivas feitas por mulheres que romperam a bolha da escrita e do campo editorial. Acreditamos se tratar de um compromisso com àquelas mulheres que lutaram e às outras que estão por vir, uma ética necessária ao horizonte da liberdade.

Os três últimos versos do poema de Patrícia Cacau e Marta Cortezão (2022) são compostos das três palavras chaves que sustentam as estrofes anteriores: a primeira é substância, nos remete a ideia de essência, inerente ao ser; a segunda é o verbo sugerindo a existência metaforizada em palavra; e a terceira, a palavra *amanho*, se trata da arte ou técnica para o manejo da terra. É interessante observarmos os degraus compostos pelas palavras, pois também, podem ser vistos em formato de espiral – substância, verbo, amanho.

Nos doze versos do poema *Pastoreio*, temos o fazer artístico integrando à escrita, à dança e à música. Linguagem corpórea, com ritmo e música salienta que não há restrição para ocupação desses espaços, talvez a única regra seja vencer o medo e dançar descalças e juntas em defesa da terra, sendo está para nós, mulheres, sinônimo da própria existência.

Numa linguagem que, também, poetiza o espaço vivenciado pela mulher, apresentamos o poema: *Femina*, de Verônica Oliveira (Cacau; Cortezão, 2022):

FEMINA



Ah, me fascina essa mulher que se entrega
Que se arrasta, se magoa, se anula
E quando todos a julga apagada
Emerge das cinzas feito a fênix
Ressuscitando a dignidade e fortaleza
Me fascina vê-la retomar o seu papel real
Brigar pelo direito de ser independente
Defendendo os seus anseios de pessoa capaz
Me fascina a coragem de, mesmo sentindo
O coração esfacelado, deixar ir o seu amado
A fim de preservar o seu eu
Ah, me fascina a malícia das senhoras
Que se transformam em fêmeas cheias de desejo
Enroscando-se em seu amado
E sorvendo dele todo o mel
E quando as vejo assim,
Seja nas manchetes, nas filas,
Nas repartições, passeatas,
Nos parlamentos
Nas escritas doídas
Ou em casa por opção
Me fascina ser mulher.

Se a escrita de Patrícia Cacau e Marta Cortezão (2022) é uma convocação às pastoras que estão em diferentes lugares e espaço no mundo, nos versos de Verônica Oliveira apresentam-se nuances das artimanhas de sobrevivência dessas mulheres, que não sem dor e se atreveram na “hora gris”, a ocupar o seu papel. A fascinação apontada nos versos (1, 6, 9, 12 e 22), tem muito mais que o ato de admirar, mas carrega o empoderamento de também assumir o lugar de mulher. Além disso, observamos como o termo dororidade também está presente no poema de Oliveira implicitamente e, mais abertamente “nas escritas doídas”. Há na escrita da mulher esse fazer afetivo que carrega as várias mulheres que a compõem.

Nos dois primeiros versos temos uma gradação com o uso dos termos (entrega, arrasta, magoa, anula) que apontam as dores que as mulheres vivenciam diariamente na luta pela sobrevivência. Ao refletirmos sobre a construção desses versos nos chama atenção o uso da partícula “se”, que a priori pode relegá-la a passividade. É importante visualizarmos como o *eu-poemático* aciona a fragilidade e o poder feminino em ocupar espaços, enfatizando as inúmeras situações que, muitas vezes, as condicionam a um lugar predeterminado porque a ruptura aos condicionamentos históricos e sociais é dolorida, está para além do exposto em



palavras porque se encontra intrínseco no corpo feminino, quer seja pela falta de reconhecimento quer por situações de ordem sociocultural, econômica e/ou política.

No verso /E quando todos as julgam apagadas/, temos a evidência de como a sociedade está a todo tempo, colocando as mulheres em situação de julgamento pelo fato de serem mulheres. No entanto, a resistência feminina metaforizada no mito da Fênix desfaz essa ideia de passividade e remete às estratégias que, ao longo da história, foram necessárias para demarcar o ser feminino no mundo. No poema essas marcas apresentam-se, sequencialmente, com os verbos “retomar”, “brigar” e “defender”, para apontar as estratégias de ruptura, com luta e determinação pela conquista de um espaço de atuação.

Na história de emancipação e de resistência da mulher, a dor e o apagamento tornam-se antídotos para combater a maldade do mundo que as relegou aos lugares subalternos, negando-lhes o acesso aos estudos, de modo a subjugar-las aos afazeres domésticos. Quando em meio às estratégias essas mulheres, quase sempre em parceria com outras, tinham acesso ao domínio da escrita, não podiam assinar seus escritos, suas descobertas científicas e, nem mesmo, reger seus próprios corpos, por isso a *fascinação* pode ser entendida como a palavra-chave que norteia o *eu-poemático* no texto de Verônica Oliveira.

Na perspectiva acima, ressaltamos que: “[...] o poder, mesmo herético, teme a palavra das mulheres. Ele tratou rapidamente de fechar-lhes a boca. [...] restaurar a ordem é impor o silêncio a esta desordem: a palavra das mulheres” (Perrot, 2005, p. 320). Por séculos, esse silenciamento imposto, muitas vezes, de forma a violar o direito de SER mulher, fortalecido pela hegemonia do patriarcado e da própria historiografia literária que demonstra o apagamento das mulheres na literatura, como destaca Marli Walker (2021, p. 27):

[...] a condição da mulher escritora em Mato Grosso não diverge da realidade observada em outras esferas, sejam nacionais ou civilizacionais. A literatura produzida por mulheres em Mato Gross, em conformidade com o que ocorreu no país, apresenta uma produção ainda marcada pelo protagonismo masculino no âmbito da literatura, da cultura, da sociedade e da política. Dentre outros espaços, este é um dos fatores que caracteriza as autoras mulheres como um grupo de escritoras colocado à margem da historiografia literária do estado de Mato Grosso em determinados períodos.



Nos versos (9, 10, 11), o *eu-poemático* nos apresenta a priorização de um eu feminino, ainda que seus sentimentos sejam importantes com relação ao seu parceiro, a autonomia do seu corpo prevalece. Embora o índice de feminicídio seja elevadíssimo e a cada hora temos mulheres violentadas e assassinadas no mundo, a recusa em ouvir os gritos de revolta e indignação parece ser algo legalizado pelo *status quo*. Todavia, a fascinação pela coragem dessa mulher que não aceita a violação de seu corpo, encoraja outras mulheres a se movimentarem no seu próprio existir, elas próprias precisam acordar os seus corpos marcados pela hegemonia masculina.

Esse movimento de brasileiras precisa ser visto, também, para além do campo da ficção, pois o Brasil alcança a horrível e vergonhosa estatística de quinto país que mais comete homicídios de mulheres no planeta, como aborda Olga Lustosa (2023) “[...] os homens seguem inventando desculpas para matar mulheres.” Portanto, “[...] é grande o risco de ser mulher em uma sociedade que sustenta tantas discriminações, preconceitos, preceitos de submissão, quando mulheres são intimidadas e mortas por não aceitarem permanecer em uma relação abusiva e violenta”. O cenário é desolador e, por isso, fizemos questão de trazer dados atualizadíssimos para perceberem que muito pouco mudou, ainda precisamos gritar, resistir, insistir para que corpos femininos sejam respeitados em sua integralidade. Quando ferem um corpo, é ferido todo o corpo feminino, que por meio do que entendemos por engajamento, torna-se uno, e enxergar isso é questão de humanidade.

De acordo com a socióloga Olga Lustosa (2023, grifo nosso):

O assassinato é a última etapa do ciclo de violência. O episódio de violência fatal é precedido por violências anteriores que se perpetuaram até o assassinato. Ou seja, **muitas dessas mortes poderiam ser evitadas se a violência contra as mulheres não fosse banalizada e tolerada**, sobretudo pelas instituições que têm o dever de agir nestes casos, mas também por uma parcela da sociedade e até familiares, que conhecem fatos, ouvem relatos e nem sempre encorajam as mulheres a denunciarem firmemente o agressor. O que equivale dizer que, em vida, aquela mulher estava sendo assassinada aos pouquinhos por alguém da sua intimidade, até que um dia ela foi morta definitivamente.



A autonomia dos corpos femininos, considerando o poema, afloram a libido da mulher nos versos 12,13, 14, 15, de forma autoral e sensualizada algo proibido às mulheres do século XIX, pois: “[...] historicamente situada na esfera dominada, foi duplamente submetida à lei; pois, além de enquadrar-se às normas gerais, devia, ainda e sobremaneira, subjugar-se à ordem masculina na relação conjugal” (Walker, 2021, p. 95), a autora afirma ser somente no século , que esse cenário começa a ruir com a revolução feminista.

Justificamos a escolha da palavra-chave aliada ao conjunto desse tomo, principalmente no sentido de poder e encantamento que a palavra causa, também corrobora com o uso do gerúndio nos versos (5, 8, 14 e 15), que denotam um estado de permanência. A panorâmica de ocupação dos diferentes espaços citados por Oliveira podem ser os prados a se pastorear de Cortezão.

Nos últimos versos, a poeta Marta Cortezão, aponta para lugares, que com muitas lutas foram conquistados e respalda a ideia da mulher estar atenta a ocupar os espaços de todos por direito. Por outro lado, ou talvez do mesmo lado, Verônica Oliveira, no último verso: “me fascina ser mulher”, deixa subentendido a fascinação do *eu-poemático* surge pela conquista dos espaços.

A seguir, descrevemos o poema *Borboletas* de Sandra Santos (Cacau; Cortezão 2022, p. 177) que surge, também, como um convite a conquista desse espaço, mas com especificidades permitidas pelo campo semântico das palavras por ela selecionadas.

BORBOLETAS

Me deem borboletas de presente
quero deixa-las ir
escolher do caminho, o rumo
do voo, a altura
do espaço, o momento
certezas... abolir.
Bater asas
Beijar flores
Saborear amores
Deixem-me ser,
Eu mesma, uma borboleta
Desvairada, colorida
Passageira, reluzente



Tatuagem minimalista
Estampada em preto, pele
E argumento

O poema nos convida a despir das coisas funcionais e voltar a olhar às experiências e às coisas destituídas do poder visto pela ótica do capitalismo. E, ao mesmo tempo, se juntar ao *eu-poemático*. Os elementos sensoriais se apresentam leve na linguagem adotada por Sandra Santos, para sugerir que, às vezes, é preciso romper com as engrenagens que focalizam a sociedade mercantilista e vislumbrar outros saberes que, muitas vezes, são efêmeros e passam despercebidos:

O conhecimento de sua linguagem permite o acesso à intimidade de uma pessoa e de um grupo. Atacar uma linguagem equivale a atacar um ser; respeitar uma linguagem é respeitar o ser que a fala. Porque ela detém uma carga de energia, que provém de todo o ser e visa ao ser por inteiro. A força do símbolo impregna dessa energia os signos e os suscita. A linguagem permite que se participe de uma vida (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 552).

Ainda segundo os autores (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 138), devido à “graça e leveza, a borboleta é, no Japão, um emblema da mulher”, destacam que a ela está arraigado o símbolo de leveza e inconstância. Nos primeiros versos o *eu-poemático* conclama, também, ao coletivo para o movimento, tal qual Cortezão poetiza: “deem-me borboletas de presente”. Um mesmo chamamento, com roupagem diferente, substância e verbo tecendo danças diversas nas escritas femininas, mas num mesmo ritmo. Vejam que o *eu-poemático*, aqui, também canta à liberdade: “quero deixá-las ir/escolher do caminho, o rumo/do voo, a altura/do espaço, o momento/certezas... abolir”. Portanto, como elucidou Octavio Paz (1990, p. 110), trata-se de: “[...] recuperar a vida concreta significa reunir a parelha vida-morte, reconquistar um no outro, o tu no eu, e assim descobrir a figura do mundo na dispersão de seus fragmentos”.

Em tempo, destacamos não sermos alheias às fragilidades desses corpos femininos, que ora regam as páginas da antologia, muito pelo contrário, como pesquisadoras e estudiosas das linguagens, refletimos também sobre os fatores contextuais e os intratextuais, não em raras exceções e, de acordo com os mais conservadores, ferem as normas e convenções da



linguagem e, não menos, também incomodariam àqueles que buscam descobrir os métodos por trás dos signos. Mas, procuramos compreender todo percurso com seus desvios e aprendizagens, sabedoras da coragem dessas mulheres em adentrar esse espaço instituído e instituinte reafirma seus protagonismos no curso dessa história, outrora, escrita apenas por homens.

Os três substantivos que fecham o poema de Marta Cortezão, também, bailam aqui nos versos da segunda parte do poema de Sandra Santos, pois a substância e o verbo estão contemplados nos versos “tatuagem minimalista/estampada em preto/pele/e argumento”, e o amanhã, a arte de cuidar da terra, está implicitamente bordado nos versos: “Bater asas/Beijar flores/Saborear amores” porque cuidar da terra é, também, cuidar de nós mesmos. Nessa conjectura, somos convocadas pela memória à música de Geraldo Vandré (1979): “pra não dizer que não falei das flores”

As metáforas criadas pelas autoras são, também, armas de resistência e gritos por justiça social.

[...] nada há aí que derive de quimera e de ilusões. O tempo e o espaço estão aqui sob o domínio das imagens. O alhures e o outrora são mais fortes que o *hic et nunc*. O estar-aí é sustentado por um ser do alhures. O espaço, o grande espaço, é amigo do ser. Ah! Como os filósofos haveriam de aprender se consentissem em ler os poetas! (Bachelard, 2005, p. 211).

A ocupação dos espaços evidenciados no poema de Verônica Oliveira, de certo modo, também, se presentifica em Sandra Santos, que pelo voo da borboleta sugere abolir as certezas e promove o voo livre em outros caminhos e rumos. Ademais, quando o *eu-poemático* revela: “Tatuagem minimalista/Estampada em preto, pele/E argumento”. Podemos inferir sua fascinação pelas coisas simples que corroboram com o verbo, com a linguagem do corpo, no entanto, com uma linguagem adocicada pelas imagens que reverberam de seus versos. Nesse ínterim, vale destacar que:

[...] dadas às diferenças históricas estabelecidas entre o homem e a mulher, advindas do patriarcado, cabe à mulher assumir a tarefa de construir seu lugar no universo da ficção e, portanto, da linguagem a partir de uma postura



feminina que implica, necessariamente, entender-se e se manifestar como mulher, sem ressentimentos em relação ao sexo oposto (Walker, 2021, p. 27).

Os estudos e pesquisas acadêmicas nos diversos âmbitos institucionais revelam o cenário nada confortável em que sempre estiveram as mulheres, Michelle Perrot (2005) tal qual Marly Walker (2021), também destaca que “[...] a história da sexualidade continuou a ser, por muito tempo um tabu. A história da violência exercida sobre as mulheres ainda mais. Os homens percebem pouco, eles têm tendência a minimizá-las” (Perrot, 2005, p. 451), portanto, essas ações coletivas reforçam a necessidade das mulheres se apegarem “[...] às heroínas positivas, às mulheres ativas, rebeldes e criadoras, mais do que às vítimas” (Perrot, 2005, p. 451).

As mulheres/escritoras da coletânea são sabedoras de que a luta está sempre (re)começando, mas que por isso mesmo não podem parar de almejar ser em sua totalidade, pois é como afirma Octavio Paz (1990), o ser humano:

[...] é o inacabado, ainda que seja cabal em sua própria inconclusão; e por isso faz poemas, imagens nas quais se realiza e se acaba, sem acabar-se nunca de todo. Ele mesmo é um poema: é o ser sempre em perpétua possibilidade de ser completamente e cumprindo-se assim em seu não-acabamento (Paz, 1990, p. 109).

Trata-se de uma possível estratégia para driblar os próprios sofrimentos e se rebelarem contra as injustiças sofridas e, de certo modo, acalentar as dores, as suas e as outras suas iguais nas diferenças. Estão criando algo novo? De forma categórica, podemos responder: Não! Estão mantendo vivo um caminho já trilhado por muitas outras que as antecederam, para que a chama não esteja apagada para quando chegar à nova geração, porque a luta ainda está muito longe de terminar.

Nestes tempos de grande mediatização, as mulheres correm o risco de ser mais do que nunca uma imagem-tela, ao mesmo tempo máscara lisa das identidades particulares, e tela oferecida para a projeção das fantasias mais diversas. E quando elas criam – pois acontece cada vez mais – qual é o seu grau de liberdade? No reino das imagens, qual foi, qual é o poder das mulheres? (Perrot, 2005, p. 432).



Ao criar e cuidar dos espaços de seus corpos, as mulheres munidas de essencialidades desbravam um campo que, também, lhes fora negado, pois como ressalta (Perrot, 2005, p. 431) as mulheres foram, por muito tempo, representadas pelo olhar masculino, ou seja, “elas não representavam a si mesmas. Elas eram representadas”, assim sendo, ocupavam as cadeiras como espectadoras de suas identidades, de seus anseios, de suas aflições e de seus desejos.

Desse modo, embora a produção lírica esteja para além do campo analítico e/ou sócio-histórico, não podemos deixar de destacar tratar-se de um movimento que traz para o contexto social o engajamento de mulheres dispostas a protagonizar suas histórias com a nudez dos seus sentimentos e vivências no território de seus corpos, território este privados e somente elas podem reverberar para o coletivo.

Considerações finais

Há nos três poemas analisados, a presença forte e sensível da mulher que se reinventa, se coloca no protagonismo e na ocupação dos seus espaços, no domínio dos seus corpos e em defesa dos seus ideais. Como diria Nelly Novaes Coelho (1993), para além de poética, as viscerais experiências de vidas que exalam dos poemas, aqui trabalhados, estão encharcados de profundas e específicas experiências de mulheres. Acreditamos que os poemas trazem questões que em essência se metaforizam em sementes, pois anunciam a aurora de outros tempos à produção de autoria feminina e/ou à produção de mulheres-poetas que assumem espaços aparentemente comuns, mas que em sua essência trazem sentidos diversos e eloquentes.

Ao produzir, quer seja no âmbito teórico-crítico quer seja no campo da criação literária, as mulheres, na nossa percepção, corroboram para problematizar questões que precisam ser discutidas para não ficarmos na ilusão que as disparidades de gêneros diminuíram ou não existam, pois basta vermos a crescente violência contra a mulher em todos os setores da sociedade para mudar essa agressão que persiste em amedrontar o corpo feminino.



Nesse sentido, reforçarmos a suavidade da poética feminina não lhe retira a excessiva indignação contra todos os tipos de violência que afetam os corpos femininos em sua integralidade. Que esse texto possa contribuir nas reflexões em várias direções para analisar com nossa humanidade aguçada às muitas injustiças alimentadas como normais e, como disse Angela Davis (2018), em *A liberdade é uma luta constante*, desestruturar o que está arraigado na sociedade como normal é um processo árduo e, muitas vezes, recheados de contradições e desesperanças.

É preciso desestabilizar o signo linguístico para ver/sentir o sabor do poema e/ou poemas como desestabilizadores de ideias, como projetores de luzes que caminham na contramão de conceitos fixos e homogêneos, até mesmo de alguns que tecemos enquanto reflexão contextual com a carga de prévias que, também, nos foi imposta. É preciso, deixar ser, pelas nuances poéticas configuradas por sua relação com o outro em sua totalidade, capaz de produzir outros diálogos pela via do seu corpo-memória (Fernandes, 2019).

Para além do espaço de resistência política, sociocultural é, sobretudo, na linha existencial, ontológica que as escritas femininas alçam voo numa mesma direção, uma linha tênue e, muitas vezes, invisível porque coexiste a sensibilidade de corpos de mulher, sua identidade poética, ora deusa, ora demônio; mas sempre carregada de vivências, transformadoras e capazes de rastejar, mas também, de levantar voos numa mesma proporção de leveza, simplicidade e retidão. São poemas que trazem linguagens de corpos específicos, que se conjugam e se encontram em memórias e sonhos, se unem para celebrar o espaço feminino em suas dimensões mais íntimas e profundas. Portanto, de espada em punho, bradamos todas com a lâmina afiada: poesia!



Referências

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- CACAU, P.; CORTEZÃO, M. **I Tomo das bruxas: do ventre à vida**. Juiz de fora: Siano, 2022.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- COELHO, N. N. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERNANDES, F. G. Corpo-memória e a poética da resistência: apontamentos sobre literatura e performance na América Latina. In: BARBOSA, S.; SILVA-REIS, D. (org.). **Literatura e outras artes na América Latina**. Campinas: Pontes, 2019. p. 295-322.
- GIGLIOLI, D. **Crítica da vítima**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.
- LUSTOSA, O. A vida de uma mulher vale menos do que a suposta paixão de um homem. **RD News**, Cuiabá, 22 jan. 2023.
- PAZ, O. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru. SP: EDUSC, 2005.
- PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- PRADO, Adélia Prado. Com Licença Poética. In: PRADO, Adélia. Adélia Prado: **Poesia reunida**. 6. ed. São Paulo: Siciliano, 1996. p. 11.
- VANDRÉ, G. Pra não dizer que não falei das flores. [Compositor e Intérprete]: Geraldo Vandré. Rio de Janeiro: Som Maior, 1979. 1 CD (8 min).
- WALKER, M. **Mulheres silenciadas e vozes esquecidas: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

